

A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heróica

Thana Mara de Souza*

Resumo: Muitos críticos dividem a obra sartriana em dois momentos: o primeiro, caracterizado pelo solipsismo e ausência de preocupações históricas, seria representado pelo livro *O ser e o nada*, e o segundo, caracterizado pelas questões sociais e marxistas, seria representado por *Crítica da Razão Dialética*. Pretendemos mostrar, no entanto, que a história nunca esteve ausente dos escritos filosóficos e literários de Sartre. Embora sem o peso que terá na *Crítica*, a história aparece em *O ser e o nada* e nos livros anteriores, até mesmo para o personagem Roquentin de *A Náusea*, normalmente visto como o exemplo do solipsismo do “primeiro” Sartre. Por meio de seu diário, poderemos perceber que a história penetra surdamente em sua pacata vida na pequena cidade de Bouville.

Palavras-Chave: Contingência; História; Literatura; Metafísica; Sartre.

Résumé: Beaucoup de critiques divisent l'oeuvre sartrienne en deux périodes: le premier, caractérisé par le solipsisme et par le manque des questions historiques, serait représenté par *L'être et le néant*, et le deuxième, caractérisé par les questions sociales et marxistes, serait représenté par *Critique de la raison dialectique*. On prétend montrer, néanmoins, que l'histoire n'a jamais été absente des écrits philosophiques et littéraires de Sartre. Même si elle n'a pas le rôle qu'elle aura dans la *Critique*, l'histoire apparaît chez *L'être et le néant* et dans les livres antérieurs, même pour le personnage Roquentin de *La Nausée*, vu comme l'exemple du solipsisme du “premier” Sartre. En lisant son journal, on pourra percevoir que l'histoire pénètre sourdement chez sa vie paisible à la petite ville de Bouville.

Mots-clé: Contingence; Histoire; Littérature; Métaphysique; Sartre.

A filosofia de Sartre, que se inicia nos anos 30 e tem textos publicados após sua morte, em 1980, como *Cadernos para uma moral e Verdade e Existência*, costuma ser dividida pelos comentadores em dois grandes momentos: o primeiro, representado por sua obra máxima *O ser e o nada*, é caracterizado como sendo uma filosofia abstrata, metafísica e solipsista. A liberdade, aqui definida como absoluta, passa a ser o símbolo dessa filosofia abstrata que ignora a realidade humana, a história de nossos impedimentos e escravidões.

* Professora adjunta do Departamento de Filosofia da UFES. E-mail: souza_thana@yahoo.com.br Artigo recebido em 19.10.2009, aprovado em 30.12.2009.

Já na segunda fase, representada por sua obra *Crítica da razão dialética*, teríamos o oposto: uma preocupação exaustiva com a história, com as questões materiais e uma aproximação crítica em relação ao marxismo. Aqui não se trata mais de fazer uma ontologia, mas uma análise histórica das condições sociais e das opressões. Longe de uma liberdade absoluta, agora teríamos um exercício de libertação que só se dá em condições precisas. E o que faria Sartre sair de uma fase para a outra seria a Segunda Guerra Mundial: ela faria Sartre conhecer a solidariedade e a importância da história, e essa vivência da guerra o tiraria do solipsismo abstrato que defendia quando escreveu *O ser e o nada*.

Mesmo que muitos comentadores digam que há uma unidade apesar das mudanças, é nessas que eles se concentram. É o caso, por exemplo, de Bornheim no seu livro *Sartre, metafísica e existencialismo*: mesmo que haja uma profunda unidade na evolução, há uma evolução, uma transformação, uma passagem positiva da metafísica à história. Segundo Bornheim, há uma conversão à história realizada no livro *Crítica da razão dialética*, e *O ser e o nada* se situaria em um plano meta-histórico: “A transformação que se verifica em Sartre resume-se no fato de que seu pensamento passa do plano meta-histórico ao histórico, e aquele parece subordinar-se agora a este”¹.

Também o comentador Gomez-Muller, em seu livro chamado *Sartre, da Náusea ao engajamento*, tem uma tese parecida com a de Bornheim: a experiência da mobilização na guerra introduziu uma profunda crise existencial e ética na vida de Sartre, e junto com a influência de Heidegger, nosso filósofo francês descobre a historicidade. Antes da guerra, jovem burguês, Sartre pensava apenas numa ética individualista, não age, mesmo se tem simpatia pela esquerda.

Au Sartre radicalement ‘désengagé’ de l’avant-guerre se substitue, dès lors, le Sartre éthiquement et politiquement ‘engagé’ des dernières années de la guerre et de l’après-guerre. [...] Il découvre l’historicité constitutive de la subjectivité, la réalité de la situation de l’homme parmi les choses².

¹ Bornheim, G., *Sartre: Metafísica e existencialismo*, p. 230.

² Gomez-Muller, *Sartre, de La Nausée à l’engagement*, p. 197

A metafísica não deixa de existir, mas ela não é mais condição e preocupação primeira e primordial. A ética se torna mais originária que a ontologia.

Poderíamos citar outros comentadores que, mesmo admitindo uma certa unidade na obra de Sartre, enfatizam a questão da transformação, da radical mudança de uma filosofia abstrata e metafísica para uma filosofia ética e social. Na tese de doutorado de Cristina Mendonça, chamada “O mito da resistência”, podemos achar várias referências desses comentadores que colocam *O ser e o nada* no plano da pura metafísica, entre elas Marcuse, Istvzan Mészáros, Anna Boschetti e o próprio Sartre.

Sim, o próprio Sartre, ao comentar suas obras passadas, muitas vezes fala das distinções entre seus primeiros livros e os livros depois da *Crítica da razão dialética*. Em uma entrevista dada a Michel Sicard em 1978, 2 anos antes de morrer, Sartre diz que tentou realizar três morais: a primeira, de *O ser e o nada*, era individualista e se assemelhava às morais do antes-guerra; a segunda, de *Crítica da razão dialética*, seria realista; e a terceira, livro que viria a escrever com seu polêmico secretário que os amigos de Sartre acusaram de deturpar o pensamento de um velho doente, retomaria os problemas éticos em suas fontes ontológicas. E quanto Sicard diz que pensava haver menos ruptura na moral sartriana, o filósofo responde primeiro que “Si vous voulez, mes première ouvrages ne sont jamais sorties du JE, et celle-ci est une morale du NOUS”³, mas mais adiante admite que há uma unidade. Na mesma entrevista, Sartre diz que a *Crítica da Razão Dialética* está ligada à *O ser e o nada*:

C'est pourquoi je dis toujours – et j'y tiens – qu'il y a de l'unité intellectuelle dans ma vie, depuis le départ, *La Nausée*, jusqu'au traité de morale à la fin, quelque chose comme un système, qui perd certaines de ses idées et en gagne d'autres, qui n'est pas entièrement le même, mais qui a une unité, qui suppose à chaque moment une sorte d'*idée vécue*: ce ne sont pas des idées intellectuelles et logiques s'enchaînant les unes aux autres d'après des liens logiques, ce sont plutôt des *idées vécues* se présentant dans la pensée sous une forme temporelle, à un moment donné, et qu'on retrouvera plus tard avec une forme légèrement (ou entièrement) différente, mais remplissant le rôle qu'elles avaient au départ⁴.

³ Entretien, “L’écriture et la publication” In: *Revue Obliques*, p. 15

⁴ Ibidem, p. 21.

Em algumas entrevistas, Sartre enfatiza as transformações que a guerra causou em sua vida e em sua filosofia, principalmente a saída de uma filosofia metafísica e solipsista para uma filosofia histórica e social. Mas em outras a ênfase é no contrário, é na continuidade de toda sua filosofia. Mesmo que admita modificações, considera a continuidade maior que a ruptura, como podemos ver na entrevista dada à Radioscope: “Je n'étais pas, dans *L'être et le néant* un partisan de l'individualisme absolu, et je n'ai pas renoncé non plus à ce qu'on peut appeler le personalisme... Simplement je vois le vrai milieu de l'individu que ne peut être que dans l'ensemble social”.

Temos, portanto, uma oscilação muito grande no modo como Sartre vê sua própria filosofia, às vezes enfatizando rupturas e às vezes enfatizando a unidade. É importante sermos, então, críticos em relação a essas entrevistas e procurar principalmente nas próprias obras a chave para melhor compreender o desenvolvimento da filosofia sartriana. Sem ignorar as modificações que existem ao longo da filosofia e escritos de Sartre, pretendemos mostrar que essas mudanças de ênfase não são suficientes para afirmar uma ruptura na filosofia sartriana. Para nós, não há duas fases, dois Sartres como diz Paulo Perdigão no livro *Existência e Liberdade*, duas ou três morais, como o próprio Sartre diz.

O que pretendemos mostrar aqui é que a história, se ela adquire um papel fundamental em *Crítica da razão dialética*, não se encontra ausente dos livros anteriores. Se o enfoque é outro, isso não significa que a história não interessa ao jovem Sartre e que ela não se encontra de modo algum nos livros anteriores à *Crítica*. Não temos livros totalmente abstratos, solipsistas e metafísicos antes da “descoberta da historicidade” feita por meio de uma guerra mundial!

E para mostrar que os primeiros livros filosóficos e literários de Sartre não desprezam a questão histórica, pelo contrário, exigem-na, começemos por apontar alguns aspectos que normalmente são ignorados pelos críticos. Com isso, ainda não pretendemos demonstrar que a dita “primeira fase” já pede uma análise da situação, da historicidade que somos, mas apenas lançar algumas desconfianças em relação à tese de que há uma ruptura radical entre o “primeiro” e o “segundo” Sartre.

Trata-se apenas de apontar alguns elementos que a maior parte dos comentadores ignora; elementos esses que não são suficientes para refutar a

tese da divisão entre as duas fases, mas que servem ao menos para indicar que de certo modo, na época em que Sartre escreveu *A náusea* e *O ser e o nada*, já havia uma preocupação com a noção de história.

A primeira observação é a de que muitos críticos fazem essa separação tendo como base apenas os livros filosóficos maiores, *O ser e o nada* e a *Crítica da razão dialética*, e não consideram os textos escritos paralelos ao primeiro livro e nos quais a história já aparece com grande importância. No mesmo ano em que publica o ensaio de ontologia fenomenológica, 1943, Sartre colabora na revista clandestina *Lettres françaises*, participa de reuniões do Conselho Nacional dos Escritores, basicamente formado por escritores de esquerda, e escreve *Sursis*, o livro mais “histórico” da trilogia *Caminhos da Liberdade*. Assim, ao mesmo tempo em que escreve seu livro de filosofia considerado abstrato e solipsista, Sartre é um escritor que mostra o quanto a guerra modifica as pessoas e é um homem que, mesmo que não de forma resoluta, participa da resistência. E nos anos seguintes, funda a revista *Les Temps Modernes* e escreve peças com teor explicitamente histórico e também o livro *Que é a literatura?* e outros ensaios nos quais a história, e a história atual (como a questão dos judeus) aparece. Muitas das ocupações paralelas de Sartre na época da escrita de *O ser e o nada* já envolvem questões explicitamente sociais e históricas.

Além disso, o próprio livro *O ser e o nada* foi escrito durante uma guerra mundial, desde o final de 1941, depois que fora prisioneiro de guerra. Não se trata de um livro que ignora as questões históricas, e mesmo que não trate diretamente delas, isso não implica dizer que não há lugar para a história ali. Pelo contrário: o que temos anunciado ali, em termos bastante rigorosos, é a necessidade de se pensar o homem no mundo, em situação, que sua liberdade, absoluta, só é absoluta nesse mundo em que vivemos, nesse mundo em meio a uma guerra mundial e no qual não basta ser pacifista para não ter relação alguma com a guerra que ocorria. Mesmo que não concordemos totalmente com a tese de Cristina Mendonça, a de que “são os conflitos sociais e as lutas políticas de uma época de transformação histórica radical que põem em movimento a engrenagem especulativa do livro”⁵, pensamos que seu estudo teve o grande mérito de

⁵ Mendonça, C., O mito da resistência: experiência histórica e forma filosófica em Sartre, p. 192-193.

mostrar o quanto a história não é ignorada em *O ser e o nada*. Mas, mais que mostrar os exemplos ligados à experiência de uma guerra e como eles formam uma rede que condiciona o desenvolver do livro, pensamos que é a partir das próprias noções ali expostas, a do Para-si como sendo Para-outro, como sendo liberdade que só se dá em situação, e portanto nunca de modo abstrato, nunca totalmente fora desse mundo, que podemos começar a perceber o quanto a história, a facticidade, é fundamental para esse ensaio de ontologia fenomenológica. E se se trata de ontologia, é importante ressaltar que é um Ensaio, e é uma ontologia *fenomenológica*, o que já mostra um pouco o quanto o real e as incertezas estão presentes nesse livro que a crítica pensa ser apenas abstrato e metafísico, sem se lembrar que a metafísica não pode se dar nunca fora da história.

E por fim, uma outra problemática nessa tese que divide a filosofia sartriana em duas fases é uma outra divisão, agora referente aos livros literários. Numa relação que não leva em consideração os aspectos cronológicos, os comentadores costumam dizer que o romance *A Náusea* é o exemplo do homem solipsista e abstrato que *O ser e o nada* mostrará, enquanto os romances da trilogia *Os caminhos da liberdade*, mesmo que escritos ao mesmo tempo que *O ser e o nada*, são exemplos da descoberta da historicidade e da sociabilidade que será mostrada em *Crítica da razão dialética*.

Para esses comentadores, o exemplo da filosofia abstrata e solipsista de *O ser e o nada* encontra-se ilustrado no personagem Roquentin de *A Náusea*.

E para mostrar que há uma continuidade na filosofia sartriana, continuidade que admite mudanças, mas que não aceita rupturas e diferenças radicais a ponto de falarmos de duas filosofias, vamos agora analisar o romance *A Náusea* e o modo como a história ali aparece e é desconstruída, uma corrosão que faz ruir as certezas da História com H maiúsculo, cheia de Heróis e Aventuras, essas histórias de grandes ações feitas por grandes homens, e como, no seu lugar, aparece uma história mais cotidiana, uma história que deve aceitar a contingência no lugar da necessidade, a dúvida no lugar da certeza, as pessoas sem importância no lugar de grandes heróis – enfim, uma história menos certa mas mais rica e mais profunda.

Já que normalmente o personagem Roquentin é citado como exemplo da filosofia abstrata e metafísica que é *O ser e o nada*, tentemos mostrar, então, que mesmo antes desse livro filosófico a história já aparece e é questionada.

Antes, porém, de analisar o próprio romance, façamos alguns comentários gerais sobre a época em que Sartre escreveu o livro ao menos para começarmos a ter uma ideia de quais eram as preocupações do filósofo nesse período.

Em 1931, ele é nomeado professor de filosofia do Liceu de Havre e é lá que começa a escrever seu romance, que tratará da contingência, mas da qual só tem ainda uma vaga ideia. Já em 1933, Raymond Aron, seu amigo, volta da Alemanha e conta as novidades da filosofia de Husserl, da fenomenologia, do voltar-se às coisas mesmas. Sartre fica entusiasmado por encontrar uma filosofia que ia ao encontro de suas preocupações e resolve ir, em 1933, para a Alemanha, para Berlim, onde ficou durante um ano todo a fim de fazer estudos sobre Husserl. É ali que ele escreve a segunda versão de seu romance, ainda chamado de *Melancolia*.

Ao mesmo tempo em que escrevia seu romance metafísico e solipsista na Alemanha, Hitler assume poder. E se é certo que Sartre não se envolveu diretamente nessa questão, não dá para dizer que ele a ignorou totalmente, mesmo que sua ação fosse apenas a de se reunir com jovens que se diziam não fascistas.

Depois de um ano de estudos, retorna ao Havre para continuar suas aulas e terminar de escrever o romance. E ao mesmo tempo em que escreve o romance, também escreve contos que publica aos poucos. Em 1938, publica seu livro *A náusea*, que teve o nome trocado por exigência do editor, e vários contos que serão reunidos no início de 1939 com o nome *O muro*.

E é interessante notar que, se Roquentin é visto como o personagem que melhor representa o que Sartre pensa nessa época, com todo seu solipsismo e desimportância para as questões sociais, vários contos de *O muro* aparecem com preocupações opostas. Ali vemos personagens totalmente inseridos na história, lutando na guerra da Espanha ou se tornando futuros Hitlers. No conto *O muro* vemos Ibbieta em meio à guerra civil espanhola, preso, na noite anterior à sua provável execução e frente ao dilema de dizer onde o amigo estava escondido. E no conto *A infância de um chefe* vemos o percurso de um jovem burguês em direção à

“chefia”, aos homens que mandam – incluindo um período de rebeldia contra os judeus: com leituras de Barrès e da *Action Française*, Lucien Fleurier se torna antisemita e persegue judeus pelas ruas de Paris.

Assim, ao mesmo tempo em que vemos um personagem tão aparentemente metafísico como Roquentin, vemos também personagens totalmente preocupados com as questões históricas – seja um revolucionário na guerra da Espanha, seja um pequeno burguês se preparando para ser um chefe, para liderar, para mandar e executar os que não são parecidos com ele, tal como Hitler e Mussolini faziam nessa época.

Enquanto Sartre escreve *A náusea*, normalmente visto como o romance metafísico por excelência, vemos outros escritos nos quais a história aparece e com sua devida importância. E se é assim, não podemos dizer que o filósofo não tinha nenhuma preocupação histórica nessa época. Sem enfatizar essa importância, podemos ao menos dizer que não havia uma total ignorância da história, de Hitler no poder, da Guerra na Espanha.

Mas se mostramos que ao menos em textos paralelos a história surge, isso não é suficiente. Não é porque textos paralelos tratam da história que necessariamente em *A náusea* ela também aparece, assim como não é porque Sartre escreve artigos em revistas clandestinas que seu livro de filosofia *O ser e o nada* necessariamente leva a história em consideração.

Não pretendemos, com isso, provar que a história está presente no romance *A náusea* e no livro de filosofia *O ser e o nada*, mas mostrar que, ao mesmo tempo em que Sartre se dedicava a esses livros, havia também uma certa preocupação com as questões históricas: essas ao menos estavam no horizonte das preocupações do filósofo e escritor.

O segundo passo, seguindo nossas críticas bastante gerais à tese da divisão da filosofia sartriana em dois grandes e opostos momentos, seria mostrar que no próprio romance *A Náusea* a história aparece. Assim como Cristina Mendonça mostrou o quanto a história está presente em *O ser e o nada*, mesmo que não concordemos com a tese de que foi justamente a história que conduziu toda a estrutura formal e lógica e metafísica do livro, pretendemos mostrar agora algumas cenas e frases do diário de Roquentin em que a história é dita explícita ou implicitamente.

Nas primeiras páginas já temos algumas informações importantes referentes ao espírito aventureiro de boa parte dos europeus na década de 20: as viagens exóticas ao Oriente. Roquentin, conforme informam os

editores que publicam seu diário, viajou por 6 anos pela Europa Central, África do Sul e Extremo Oriente, e como o próprio Roquentin informa nas primeiras linhas de seu diário, viajou encantado por uma escultura oriental e depois de tantos anos de viagem, achou-a desagradável e estúpida. Ficou com tédio por estar na Indochina e resolveu, repentinamente, voltar à França.

Essa questão pode parecer apenas um capricho de um indivíduo estranho e solitário se não levarmos em consideração que numa década anterior o tema literário da aventura, do viajante, era bastante comum na França, e que Malraux, o escritor célebre da época, ficou conhecido justamente por relatar personagens que vão ao encontro da História, das guerras onde elas ocorrem, assim como o próprio autor fazia. Os romances que Malraux publicou no final da década de 20 e início da década de 30 se localizam todos no Oriente, em meio à Indochina e revoluções ou então, são relatos da busca de aventureiros por estátuas, exatamente a mesma que interessou Roquentin. Há uma referência direta ao modo de viver dos franceses e ao gosto pelas aventuras exóticas que muitos escritores relatavam, e como diz Michel Sicard nos comentários das Obras Romanescas da Pléiade: há uma referência clara a Malraux e ao livro *Estrada Real*. “La contestation du thème littéraire de l’aventure – thème d’époque et que les romans de Malraux ont largement contribué à illustrer et à répandre – est très certainement une des visées de *La Nausée*”⁶.

Mais para frente, podemos ver outras questões que dizem respeito às distinções e luta de classes, à formação de uma cidade pela burguesia e desprezo pelas ruas dos operários, a lembrança do autodidata de sua prisão na primeira guerra mundial, o sonho de Roquentin como soldado que espanca Barrès, o escritor símbolo do antisemitismo na França. E numa longa passagem, da qual Roquentin se arrepende no dia seguinte por ter sido muito “literário”, ele escreve:

Estou inteiramente sozinho, mas caminho como uma tropa que irrompe numa cidade. Neste momento, há navios ressonantes de música sobre o mar; luzes se acendem em todas as cidades da Europa; comunistas e nazistas trocam tiros nas ruas de Berlim; desempregados perambulam pelas ruas de Nova Iorque; num quarto aquecido, diante de suas penteadeiras, mulheres colocam rímel nos cílios. E eu estou aqui, nessa rua deserta, e cada tiro disparado de uma janela de Neukölln,

⁶ Sicard, M., *Oeuvres Romanesques de Sartre*, p. 1729.

cada soluço sangrento dos feridos que são transportados, cada gesto preciso e diminuto das mulheres que se enfeitam, corresponde a cada um de meus passos, a cada batida de meu coração⁷.

Há, portanto, várias passagens em que ficam nítidas as referências às questões históricas: a primeira e a segunda guerra estão ali presentes, como pano de fundo, como lembrança ou imaginação, mas ali estão. Os comunistas e nazistas aparecem, assim como o desemprego nos Estados Unidos (não de forma totalmente genérica se pensarmos que o livro foi escrito pouco tempo depois da crise de 29), assim como a luta de classes no fim do século XIX na pequena cidade de Bouville.

A história aparece, portanto, em alguns momentos do romance. Mas mostrar isso também não é suficiente para dizer que a história tem importância: citar momentos históricos não faz do livro um livro histórico. E é essa a discordância que temos com a tese de Cristina Mendonça.

Não basta ter referências diretas ou indiretas às questões históricas para ser um livro histórico, para dizer que esse livro dá importância às problemáticas sociais. É possível utilizar a história em um romance e fazer dele um romance com sentido abstrato, a-histórico. Dizer que textos paralelos tratam da história e dizer que no próprio texto há referências aos acontecimentos históricos atuais não é suficiente para provar a relevância da questão histórica nesses dois textos, mas ao menos já nos indica que a história não parece ser tão indiferente e ausente como a crítica costuma dizer.

Temos dois indícios de que a história não está totalmente ausente de *A Náusea* e de *O ser e o nada*, tanto na comparação com os textos escritos na mesma época como na análise de exemplos e referências aos eventos políticos e sociais da época. Mas como já dissemos, são apenas indícios, indícios que podem ser destruídos com a constatação de que um romance que trata de temas históricos pode ter sentido abstrato, metafísico.

Um romance que à primeira vista pode parecer totalmente fantástico pode estar relacionado de forma muito forte ao real, assim como romances que aparentemente tratam explicitamente de questões sociais podem ter um sentido abstrato, um sentido que de certo modo destrói a história que narra.

⁷ Sartre, *A Náusea*, p. 88.

Este é o caso do escritor Malraux. A maior parte de seus romances têm um cenário histórico muito forte: guerra da Indochina, Revolução Chinesa, Guerra Espanhola, Segunda Guerra Mundial – e mesmo assim, com todos os personagens sendo heróis, indo em busca de guerras e lutas, o sentido de todos seus livros é metafísico. A história aparece com força nesses romances para exemplificar uma luta mais importante que a própria luta histórica: a luta metafísica do homem contra a morte, contra o inevitável destino. Seus personagens são homens que mergulham na história, mas se mergulham é para logo sair dela, para se encontrarem além dela. A história é apenas símbolo de uma questão metafísica, do caos em que o homem vive após o decreto da morte de Deus e conseqüentemente, da morte do homem, e a necessidade de se construir uma nova moral, de refazer a ordem perdida. A história aparece explicitamente nesses romances mas o modo como é vista pelos personagens a torna mero símbolo e faz dos romances, não romances históricos, mas romances metafísicos.

Para provar que em *A Náusea* há considerações sobre a noção de história não basta, portanto, citar os textos paralelos que tratam diretamente da história e nem indicar as referências do livro aos acontecimentos históricos da época. Pretendemos mostrar que a história não está ausente de *A Náusea* por meio de uma análise interna do texto, vendo como esse tema aparece e como ele é visto pelo personagem – para daí concluir que Sartre tem inquietações a respeito da noção de história, e que se isso não se identifica com o papel que a história terá em *Crítica da razão dialética*, é condição para que ela apareça com a força que terá depois.

Passemos então à compreensão do romance *A Náusea* para mostrar a destruição do sentido de história como aventura heróica, necessidade e abstração e o surgimento do sentido de história como descontinuidade, contingência, feita por simples homens em meio à concretude do cotidiano.

A Náusea é o diário do personagem Roquentin que foi publicado por alguns editores sem que ele autorizasse: logo no início há uma nota explicativa destes, dizendo terem encontrados os papéis e publicado sem nenhuma alteração. Não se sabe o que é de Roquentin quando seu diário foi publicado.

Provavelmente escrito no início de 1932, segundo o que os editores dizem, seu diário são anotações de Roquentin diante do mundo, dos outros e de seus atos. No início, a descrição de uma sensação desagradável e sem

definição que aos poucos se torna A Náusea, a descoberta da total contingência do mundo e de si mesmo.

E não é por acaso que Roquentin é historiador. Junto com a descoberta vertiginosa da contingência do mundo, ele descobre também que não há encadeamento lógico entre os fatos, que a história que tentava pesquisar era tão inventada como um romance. E é assim que a noção de história surge em *A Náusea*. A descoberta da contingência não se distingue da descoberta do tempo como contingente, da história como sucessão contingente de fatos. A náusea que desvela a contingência é a mesma que faz ruir qualquer necessidade, causalidade, ordem.

Ao mesmo tempo em que Roquentin vê sua percepção mudar, também vê sua pesquisa não fazer mais sentido. Historiador que reúne arquivos e cartas sobre o Marquês de Rollebon para escrever um livro falando de seus atos e importância para a história, aos poucos Roquentin percebe que os muitos documentos a que tem acesso não são suficientes para tornar possível a apreensão de uma ordem lógica e causal na vida de seu marquês. A necessidade só pode ser inventada, só pode ser imaginada, tal como a ficção faz. Em meio ao excesso de documentos, uns tão divergentes em relação a outros, sobra apenas a imaginação para ligar um fato a outro, para criar uma ordem que não existe no acontecimento.

A noção tradicional de História como sucessão de fatos e heróis, noção essa que Roquentin parece acatar, começa a ser destruída juntamente com a sensação da Náusea, com a descoberta da única necessidade que temos, que é a de sermos contingentes, não ter necessidade alguma.

É certo que essa descoberta é feita por um homem totalmente solitário, sem amigos, sem contatos, que ainda busca uma salvação por meio da arte – salvação essa, aliás, que não acreditamos ser possível. Como diz o professor Franklin Leopoldo e Silva, “a resposta do indivíduo ao mundo que o nega é a negação do mundo, uma forma extrema de estar no mundo e na história. Refugiar-se no imaginário e escolher a alienação são ainda atos: o artista pode assumir o compromisso de ignorar a história mas não pode ausentar-se dela”⁸.

De todo modo, Roquentin é solitário nesse descoberta, que poderia não passar, portanto, de uma descoberta apenas abstrata. Mas o que

⁸ Silva, F., *Ética e literatura em Sartre*, p. 241.

esquecemos ao notar essa solidão é que ela é constatada sempre em relação aos outros: Roquentin se descreve como solitário ao se comparar com os outros homens, com aqueles que conversam, que jogam cartas em bares. A descoberta do “eu” não se dá separado da descoberta do “Nós” – e se é certo que esse “nós” adquire um papel cada vez maior na filosofia de Sartre, é certo também que essa noção sempre será problemática.

O historiador Roquentin percebe a noção de História como rigor e causalidade lógica, como feita por grandes homens, ser afetada pela Náusea que sente.

Já na nota escolhida para iniciar o livro, uma citação de Céline: “é um rapaz sem importância coletiva; é apenas um indivíduo”, podemos ver que não se trata aqui de uma História com H maiúsculo, de um personagem herói fazendo grandes ações. A Náusea revela a ilusão dessa história narrada sempre como uma aventura, como um grande herói realizando grandes atos e modificando o mundo. É, aliás, mais ou menos isso que Malraux defende em suas ações e seus romances, é isso que o fará ser ministro do general De Gaulle e de ver nesse homem a encarnação da História, o que Sartre muito critica.

Ser apenas um indivíduo pode significar ser um homem não grandioso, ser um homem cotidiano, desses como nós somos, pessoas que têm um trabalho, que vão à biblioteca estudar e fazer suas pesquisas. Talvez a ênfase aqui esteja nessa cotidianidade de nossas vidas, na consciência de vivermos esse mundo sem grandes guerras e que, mesmo assim, é histórico.

Aussi, plutôt qu'une référence à la littérature populiste que Sartre probablement connaît peu, ses personnages de servantes, de petites gens, sont la réintroduction ironique du peuple dans un univers post-héroïque. Roquentin comme Gisors de *La Condition humaine* est un métaphysicien qui a affaire au monde, mais lui ce n'est pas par la révolution, c'est à travers l'enlèvement provincial, auquel il oppose une farouche solitude et non pas la fraternité⁹.

Roquentin, homem solitário, sem amigos, é também aquele que, já na descoberta de sua absurda solidão e contingência, se enfurece ao ver a sociedade injuriar o Autodidata na biblioteca por causa de sua pederastia. No auge da Náusea, Roquentin é também o homem que se volta contra a hipocrisia dessa sociedade moralista, mas essa revolta não se dá de modo

⁹ Contat, M., *De Melancholia à La Nausée* In: Louette. *Sartre écrivain*, p. 54-55.

heróico, em meio a grandes guerras. É no mundo cotidiano que Roquentin age, aperta o pescoço do homem que bate no Autodidata. Sem ações heróicas e grandiosas, que mudarão o mundo, o romance pretende mostrar a importância dos “apenas indivíduos”. Mais que a solidão, é essa ênfase no sujeito normal, no herói antiherói que vemos no romance.

A Náusea revela o descobrimento de homens reais num mundo real... de homens sem importância social. E é nisso que consiste o engajamento de Sartre nesse livro.

Não se trata de pensar mais a História com H maiúsculo, como história de datas e heróis, de grandes feitos. A história não contém certezas e uma ordem rigorosamente lógica, e isso porque é feita por nós, seres humanos comuns, Para-sis que necessariamente buscam em vão ser o que nunca serão, a completude. Com o passar dos meses, Roquentin começa a identificar suas sensações, o estranhamento que passa a ter diante de uma folha de papel, uma maçaneta, uma raiz de uma árvore. A contingência é descoberta como uma náusea, como um desvelamento vertiginoso do qual não pode se livrar porque descobre que ele se identifica com a própria Náusea.

Não são os objetos que mudam, é sua experiência com eles que se modifica: se a vida do Marquês de Rollebon o seduzia com tantos fatos inexplicáveis e ricos, aos poucos sua figura esmaece, não por falta de documentos, pelo contrário: há excesso de documentos, os quais revelam ainda mais a falta de consistência e de firmeza na história. O historiador Roquentin nos revela, em seu diário, o quanto a percepção do mundo, da temporalidade e da própria história se transforma juntamente com a angústia que a Náusea lhe traz, com a descoberta da total contingência que somos.

Antes do aparecimento da Náusea, a história do marquês aparecia como certa, como o que justificava a vida de Roquentin por meio da ordem da sucessão dos fatos: “Quis que minha vida tivesse uma sequência e uma ordem como os de uma vida que recordamos”¹⁰.

A ordem que ele achava possível encontrar na vida do marquês de Rollebon era a ordem que ele também tentava manter em sua vida. Aqui ainda há a noção da temporalidade como necessidade, como se de tal fato

¹⁰ Sartre, *A Náusea*, p. 68.

necessariamente surgisse o outro, como se o final já estivesse inscrito desde o começo e justificasse todos os atos anteriores. Isso é, aliás, o que Roquentin chama de aventura: só nas aventuras os começos são realmente começos e os fins já aparecem desde o começo para ordenar e justificar todos os fatos. Mas o que aos poucos ele percebe é que essa aventura só é possível se narrada: enquanto os fatos acontecem, não há nenhuma justificação, nenhuma ordem, nenhuma necessidade que ligue o fato anterior ao fato atual.

Com essa descoberta, Roquentin se dá conta que o que faz para colocar ordem na vida do marquês é praticamente o mesmo que escrever romance: a ordem é forjada, a necessidade só pode ser criada a posteriori, não existe enquanto os fatos acontecem. A forma dos acontecimentos, quando vividos e quando narrados, é diferente. A vida não é narração: não há verdadeiros começos nem verdadeiros fins. “Os acontecimentos ocorrem num sentido e nós os narramos em sentido inverso. Parecemos começar do início [...] e na verdade foi pelo fim que começamos [...]. O fim, que transforma tudo, já está presente. Para nós o sujeito já é o herói da história”¹¹.

E esse sentido da aventura como acontecimento inevitável, necessário, só é possível *a posteriori*, invertendo a ordem dos fatos, colocando o final no começo para então encadear lógica e necessariamente todos os acontecimentos. E isso só é possível por meio da criação, da imaginação.

Assim, a noção clássica de História começa a cair por terra. Não há lógica entre os acontecimentos, não há uma irreversibilidade nos fatos: se Napoleão não existisse, não dá para saber se outra pessoa faria exatamente o mesmo papel. A história não se dá sem os homens, sem todos os homens, mesmo os que ficam o dia todo em bibliotecas pesquisando – e isso significa que a história não tem uma ordem necessária, significa que ela está sujeita às complexidades e paradoxos que o homem apresenta.

Percebendo que a estrutura temporal lógica e necessária começa a ser demolida pela Náusea, que a certeza na sucessão dos acontecimentos deixa de existir, Roquentin anota em seu diário: “Não refletir muito sobre o

¹¹ *Ibidem*, p. 67

valor da História. Corre-se o risco de perder o gosto por ela”¹². Mas qual história é essa que perde seu valor?

Nitidamente é a História Clássica, é essa História com H maiúsculo, é essa História que pensa apenas nos grandes acontecimentos e nos grandes homens de ação, tal como Malraux relata em seus livros e como ele mesmo tenta viver ao lado do general De Gaulle. Ao se descobrir contingência, Roquentin descobre que essa História é uma farsa. A vertigem que faz Roquentin descobrir a ausência de necessidade em sua vida é a mesma que o faz descobrir a farsa que é essa História em que acreditava.

Não há aventuras vividas, não há grandes homens que necessariamente precisam viver em determinada época para mudar o mundo, não há nenhuma necessidade entre um acontecimento e outro. Essa necessidade só surge depois, quando já sabemos o resultado de tal ação e colocamos como se ela fosse feita para inevitavelmente levar ao resultado, como se houvesse uma Razão, um Espírito Absoluto guiando todos os atos, todos os homens.

Mas não há: Roquentin descobre que a única necessidade é a contingência, e com isso descobre que sua vida não tem justificativa, que a vida do marquês de Rollebon não tem justificações, que nenhum fato necessariamente faz surgir tal outro fato. A lei que governa nossas ações, e, portanto, a história, é a lei da contingência, da incerteza. Por isso não se pode pensar no tempo nem como causalidade nem como finalismo: o passado não causa o futuro, assim como o futuro não determina o passado. Não há determinações e necessidade na temporalidade, em nossas vidas. “O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade”¹³.

No romance *A Náusea* temos a descoberta da contingência que rege as ações humanas, e, portanto, também a história. Há a destruição do conceito tradicional de história e alguns indícios de uma outra noção de história, uma noção que admite “apenas indivíduos” e não só “homens com importância social”, uma noção que admite a contingência, a inexistência da inevitabilidade e necessidade entre os fatos; o surgimento de uma história mais rica e mais profunda.

¹² Ibidem, p. 110.

¹³ Ibidem, p. 193

Não dá, portanto, para falar que a história está ausente de *A Náusea*. Aqui se inicia a destruição de um conceito tradicional que não seria compatível com a filosofia de Sartre. E não são os exemplos e referência que fazem de *A Náusea* e *O Ser e o Nada* livros que problematizam a questão da história, mas as próprias noções presentes, de forma filosófica e literária, que permitem dizer que existe uma preocupação com a realidade, que a história está de certo modo presente. Mesmo que não nomeada, mesmo que não com a importância e relevo que terá depois, ela já aparece nos livros iniciais de Sartre.

Dizer que a história está ausente de *A Náusea* é ainda pensar a história com H maiúsculo, é ainda pensar que históricos são somente os grandes acontecimentos feitos por grandes homens, é ainda conceber a História como encadeamento necessário entre os fatos, é ainda acreditar na História que Sartre começa a destruir nesse romance. E a história que começa a surgir em seu lugar é a história contingente realizada por “apenas indivíduos”, é a mesma que aparecerá como estrutura necessária ao Para-si em *O ser e o nada*, e é a mesma que ganhará concretude e peso extremo em *Crítica da razão dialética*.

Se talvez seja uma “História” que provoque o afogamento de Sartre na história real, se talvez ele precisou de uma guerra mundial para dar importância mais concreta aos problemas históricos, esse ato revela que tudo é história, até mesmo a vida pacata e tediosa de um historiador em Bouville. Muitos dos personagens de Sartre tentam sair da história, mas, ao se afogarem nela, aprendem que, mesmo que saiam desse rio, terão para sempre as marcas e cicatrizes dessa luta contra (e portanto também com) a história.

Referências

- BERTHOLET, D. *Sartre l'écrivain malgré lui*. Paris: infolio, 2005.
- CHIHÉB, A. *L'esthétique romanesque chez André Malraux et Jean-Paul Sartre dans Les Conquérants, La condition humaine, L'espoir, L'âge de raison, Le sursis et La mort dans l'ame*. Tese de doutorado na Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1993.
- FITCH, B. *Le sentiment d'étrangeté chez Malraux, Sartre, Camus et Simone de Beauvoir*. Paris: Lettres modernes, 1964.

- FREITAS, Maria Teresa de. *Création artistique et histoire chez Malraux: Les Conquistadors et La Condition humaine*. Tese de doutorado defendida em 1984 no Departamento de Letras Modernas da USP.
- GAUDEAUX, J. *Engagements et marxismes chez Jean-Paul Sartre*, Thèse de doctorat d'Etat de Jean-François Gaudaux na Universidade de Lille III, 1999-2000.
- GOMEZ-MULLER, A. *Sartre, de La Nausée à l'engagement*. Paris: éditions du Félin, 2004.
- _____. *Sartre et la culture de l'autre*. Paris: L'Harmattan, 2006.
- GRELL, I. *Les chemins de la liberté de Sartre, genèse et écriture*. Berna: Peter Lang, 2005.
- GUIGOT. *Sartre, liberté et histoire*. Paris: J. Vrin, 2007.
- LOUETTE, J. *Sartre écrivain*. Paris: Eurédit, 2005.
- _____. *Sartre: la littérature, hermeneutique du silence*, tese de doutorado apresentado na Universidade de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), em 1988.
- MENDONÇA, C. *O mito da resistência – experiência histórica e forma filosófica em Sartre (uma interpretação de L'être et le néant)*. Tese de doutoramento em filosofia na USP, 2001.
- PRINCE, G. *Métaphysique et technique dans l'oeuvre romanesque de Sartre*. Genève: Librairie Droz, 1968.
- SARTRE, J.P. *L'imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940.
- _____. *Qu'est-ce que la littérature?*. Paris: Gallimard, 1948.
- _____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *La responsabilité de l'écrivain*. Lagrasse: Verdier, 1998.
- _____. *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 10 edição.
- _____. *As palavras*. São Paulo: difusão europeia do livro, 1964.
- _____. *Oeuvres Romanesques*. Paris: Pléiade, s/d.
- _____. "Penser l'art" In: *Revue Obliques*, n. 24/25, Sartre et les arts, 1981.
- _____. "Les écrivains en personne" In *Situations IX*. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. "L'écrivain et sa langue" In *Situations IX*, Paris: Gallimard, 1972.
- _____. "Coexistences" In: *Situations IX*. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. "L'artiste et sa conscience" In: *Situations IV*. Paris: Gallimard, 1964.

_____. “Le peintre sans privilèges” In: *Situations IV*. Paris: Gallimard, 1964.

_____. “Autoportrait a soixante-dix ans” In *Situations X*. Paris: Gallimard, 1976.

SILVA, F. *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo: Unesp, 2004.

SOUZA, T. *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *O mito de Er: Sartre e o platonismo às avessas?* In *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v. 8, 2006.

VERSTRAETEN. *Autour de JP Sartre: littérature et philosophie*. Paris: Gallimard, 1981.

WITTMANN, H. *L'esthétique de Sartre – artistes et intellectuels*. Paris: L'Harmattan, 2001.